

Adolescentes conectados, crise epistêmica e desinformação: estudo de caso em uma escola pública no Brasil

Connected teenagers, epistemic crisis and misinformation: a case study in a public school in Brazil

Adolescentes conectados, crisis epistémica y desinformación: estudio de caso en una escuela pública de Brasil

Diego DE DEUS

diegodeus.bot@gmail.com

Brasil

Geane CARVALHO ALZAMORA

geanealzamora@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 157, diciembre 2024 - marzo 2025 (Sección Monográfico, pp. 69-82)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 28-09-2024 / Aprobado: 18-12-2024

Resumo

Investigou-se como as práticas midiáticas de adolescentes influenciam suas percepções sobre democracia, ciência e desinformação, focando na habilidade deles para identificar aspectos delineadores do fenômeno. Desenvolvido em uma escola pública de Botelhos, no Brasil, a investigação baseou-se na realização de três grupos focais para discutir temas relativos à crise epistêmica. Os resultados mostraram que os adolescentes tendem a formar crenças baseadas nos métodos de tenacidade e autoridade, com pouca influência do método a priori e nenhuma influência do método científico. Observou-se desconhecimento sobre influenciadores digitais de divulgação científica e descrédito em instituições jornalísticas e jurídicas, o que reforça sua vulnerabilidade à desinformação. Sugere-se ações de literacia transmídia com foco em desinformação e democracia, aproveitando o conhecimento dos estudantes sobre plataformas.

Palavras-chave: desinformação; ensino médio; literacia (trans) midiática; crise epistêmica

Abstract

This study investigated how adolescents' media practices influence their perceptions of democracy, science, and disinformation, focusing on their ability to identify aspects that outline the phenomenon. Developed in a public school in Brazil, the investigation was based on three focus groups to discuss topics related to the epistemic crisis. The results showed that adolescents tend to form beliefs based on tenacity and authority methods, with little influence from the a priori method and no influence from the scientific method. A lack of knowledge about digital influencers of scientific dissemination and discredit in journalistic and legal institutions were observed, which reinforces vulnerability to disinformation. Transmedia literacy actions are suggested, focusing on disinformation and democracy, taking advantage of students' knowledge about platforms.

Keywords: disinformation; high school; (trans) media literacy; epistemic crisis

Resumem

Investigamos cómo las prácticas mediáticas de los adolescentes influyen en sus percepciones sobre la democracia, la ciencia y la desinformación, centrándonos en su capacidad para identificar aspectos definitorios del fenómeno. Desarrollada en una escuela pública de Brasil, la investigación se basó en grupos focales para discutir temas relacionados con la crisis epistémica. Los resultados mostraron que los adolescentes forma creencias basadas en métodos de tenacidad y autoridad, con poca influencia del método a priori y ninguna influencia del científico. Hubo desconocimiento sobre los influencers digitales de la divulgación científica y el descrédito en las instituciones periodísticas y jurídicas, lo que refuerza la vulnerabilidad a la desinformación. Se sugieren

acciones de alfabetización transmedia centradas en la desinformación, aprovechando el conocimiento de los estudiantes sobre las plataformas.

Palabras clave: desinformación; escuela secundaria; alfabetización (trans) mediática; crisis epistémica

Introdução

O fenômeno da desinformação é objeto de preocupações em várias esferas da sociedade contemporânea (Alvim & Zilio; Carvalho, 2023). Inicialmente tratado como *fake news*, consagrou-se em 2016 na esteira das eleições norte-americanas, sobretudo atrelado a notícias, verdadeiras ou falsas, que eram prejudiciais ao então candidato Donald Trump (Allcott & Gentzkow, 2017). Desde então, o fenômeno vem se tornando cada vez mais presente em todo o mundo, permeando de modo enfático eventos como o *Brexit*, no Reino Unido, em 2016 (D'ancona, 2018), as eleições nacionais brasileiras de 2018 (Mello, 2020), de 2022 e no contexto pandêmico da Covid-19 (Naeem & Bhatti, 2020). Em cada um desses cenários, as informações produzidas por autoridades epistêmicas na ciência e na imprensa foram constantemente solapadas pela intensa circulação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas.

O termo *fake news* foi amplamente criticado (Wardle & Derakhshan, 2017; Recuero & Gruz, 2019; Oliveira, 2020; Rosa, 2021) por seu caráter reducionista, relativo a “notícias falsas”, e gradativamente foi sendo substituído por desinformação, que também causa desconforto devido à sua imprecisão conceitual (Marshall, 2017; Oliveira, 2020; Araújo, 2021). O cenário contemporâneo da desinformação é marcado por uma desconfiança generalizada em instituições historicamente legitimadas como produtoras de conhecimento e defensoras da democracia, como imprensa, parlamentos e universidades públicas (Oliveira, 2020).

Um documento produzido pelo Grupo de Alto Nível sobre Notícias Falsas e Desinformação (*High Level Group on Fake News and Online Disinformation*), criado pela Comissão Europeia, em 2018, já alertava que a descrença em instituições democráticas era balizada pela mudança no ecossistema de informação na era digital, em paralelo ao enfraquecimento das mídias tradicionais. De acordo com esse documento, a situação teria impulsionado a perda generalizada de confiança nas instituições democráticas, o que teria alavancado a disseminação de informações falsas ou enganosas.

Trata-se da chamada crise epistêmica, relativa à gradativa perda de critérios de referência para aferir informações de qualidade e fontes confiáveis, o que interfere nos parâmetros sociais para reconhecimento da verdade (Gomes, 2019). Compreendemos o cenário contemporâneo da crise epistêmica como uma vertente da Sociedade da Desinformação (Marshall, 2017), na qual o consumo

de desinformação se torna prática endêmica no cotidiano, com implicações na política, na saúde pública e na vida social (Alzamora, Mendes & Ribeiro, 2021).

No relatório “Internet, Desinformação e Democracia”, elaborado pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (NIC.Br) e pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), em 2020, é dito que um dos principais efeitos da desinformação é a perda de confiança nas instituições democráticas. Conforme esse relatório, a profusão de informações dissonantes e a dificuldade em identificar quais são, de fato, confiáveis, contribuem para a perda generalizada de confiança nas instituições. Essa circunstância é confirmada por um levantamento publicado pela UNESCO em 2024, segundo o qual 85% das pessoas em 16 países com eleições em 2024, como é o caso do Brasil, se diziam preocupadas com a desinformação. A pesquisa também revelou que 56% dos usuários da internet se informam pelas redes sociais, mas 67% dizem acreditar que elas são o principal meio para a difusão de informações falsas. Um levantamento prévio, feito pela consultoria norte-americana Edelman, em 2022, revelou que as pessoas desconfiam tanto de jornalistas quanto de governantes. O estudo foi feito em 28 países e ouviu mais de 36 mil pessoas.

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Instituto Reuters, em 2023, mostrou que apenas 43% dos brasileiros confiam em notícias veiculadas pela imprensa. A confiança na imprensa diminuiu 5% em relação a 2022. O relatório concluiu que o aumento no nível de descrença estava ligado às eleições presidenciais de 2022 no país, profundamente marcada pela polarização política. Os números revelaram ainda que 41% dos brasileiros evitam consumir notícias veiculadas por imprensa, um percentual bem acima da média mundial, cujo índice é de 36%. Conforme relatório produzido pela agência de verificação brasileira, Aos Fatos, em dezembro de 2023, informações falsas que levavam à desconfiança em relação à segurança do sistema eleitoral brasileiro, em 2022, continuou sendo uma das peças de desinformação com maior circulação no ano seguinte. Isso demonstra a longevidade das informações falsas nas conexões digitais, seu impacto social e suas implicações na democracia.

Para aferir como as práticas midiáticas de adolescentes interferem em suas percepções acerca de democracia e da ciência, com especial interesse na capacidade que eles demonstram para identificar desinformação nesse contexto, realizou-se um estudo de caso com estudantes de uma escola pública brasileira do ensino médio vinculada à rede estadual de ensino. Foram realizados três grupos focais em 2024 com jovens de 15 a 18 anos matriculados na unidade de ensino. Este trabalho é parte da investigação de mestrado em desenvolvimento intitulada “Literacia (trans) midiática e desinformação: abordagem de crise epistêmica no ensino médio de uma escola pública”. Em estudo prévio realizado na mesma escola, em 2022, constatou-se que a desinformação havia sido abordada apenas de maneira informal até aquele momento, com baixa compreensão dos estudantes acerca do tema.

Desinformação e crise epistêmica

Instituições epistêmicas são aquelas que produzem e/ou disseminam conhecimento consolidado a respeito de um gênero específico de perícia e reivindicadoras da razão (Oliveira, 2020). Para Aggio (2021), a crise epistêmica diz respeito à crescente incapacidade de manter consensos mínimos com relação ao discernimento entre verdade e falsidade, o que corresponde ao domínio do efeito prático da desinformação. De acordo com Gomes & Dourado (2019), a desinformação é sintoma de um ataque mais amplo à credibilidade das instituições credenciadas historicamente a determinar o que é aceito socialmente como verdade. Consequentemente, impulsiona a crença em “fatos alternativos” e/ou favorece a relativização de fatos comprovados.

Como o fenômeno da desinformação é parte integrante das práticas sociais, culturais e políticas da contemporaneidade, torna-se urgente compreender seus efeitos práticos na vida social. Para isso, toma-se aqui a perspectiva pragmática de verdade apresentada pelo filósofo e lógico norte-americano Charles Sanders Peirce (1834-1914). De maneira sintética, o pragmatismo peirciano pode ser definido como um método de aprimoramento gradual das ideias, com foco em seus efeitos práticos (Ribeiro & Paes, 2021). Nessa vertente, considera-se que as crenças guiam as condutas dos indivíduos e que estas se aprimoram ao longo do tempo desde que sejam delineadas pela busca ética da verdade. A verdade, seria, então, um ideal apto a corrigir constantemente as crenças e as condutas sociais quando eticamente conduzidas.

Embora não seja plenamente alcançável, já que se trata de um ideal pragmático, a verdade se manifesta factualmente de modo provisório, à medida que o conhecimento avança por intermédio da dúvida. Se a crença traz sensação de conforto, a dúvida gera incômodo e, consequentemente, serve de motivação para alcançar um novo e mais aprimorado estado de crença (Ribeiro & Paes, 2021). Segundo Alzamora & Andrade (2019), é a crença que delineia a formação da opinião, não a verdade.

Em um dos primeiros textos que publicou sobre o pragmatismo, “A Fixação de Crenças”, (Peirce, [1877] 2008), Peirce propôs quatro métodos de fixação de crenças, ou de maneiras pelas quais as crenças são moduladas pelos hábitos que mobilizam (Alzamora & Andrade, 2019): tenacidade, autoridade, *a priori* e científico. Os quatro métodos podem ser onipresentes, embora com predomínios variados em cada situação.

O método da tenacidade, no qual a crença é fixada por repetição, desconsidera evidências contrárias. Alzamora & Andrade (2019) citam, como forma contemporânea desse método, a interação sociotécnica por adesão a crenças afins em bolhas ideológicas nas conexões digitais. Já o método da autoridade diz respeito à fixação de crenças por meio da coação de instituições ou agentes que isolam, propositalmente, evidências contrárias sobre determinado fato ou reforçam certas crenças em detrimento de outras. Neste caso, a crença na

autoridade de quem valida a informação é preponderante sobre a informação em si (Ribeiro & Paes, 2021). No método *a priori*, a crença é fixada a partir de informações que são agradáveis à razão (Alzamora & Andrade, 2019). É uma tendência a acreditar em informações que confirmam crenças já estabelecidas e de refutar informações que podem colocar tais crenças em dúvida (Ribeiro & Paes, 2021). Nesse método, a informação precisa ser logicamente plausível para ser crível, ainda que cientificamente inconsistente. Por fim, o método científico é o único que permite chegar o mais próximo possível da verdade, por ser autocorretivo e sensível à contradição (Alzamora & Andrade, 2019). A crença científica na verdade é sempre provisória, já que é passível de revisão diante de novas evidências advindas do avanço científico. É o método mais sofisticado de fixação de crenças, mas o de menor alcance social.

As crenças desempenham papel relevante nas dinâmicas de funcionamento lógico da desinformação em conexões digitais, especialmente quando relacionadas à validação social de informações equivocadas, distorcidas ou falsas. De acordo com Paes (2022), a crença na desinformação decorre de disputas de sentidos em torno da noção circunstancial de verdade nas conexões digitais.

Em contexto de polarização política, conforme Oliveira (2020), ambos os lados disputam entre si o estatuto de verdade. Porém, a disputa se dá, de fato, entre argumentos que sejam mais plausíveis (método *a priori*) e, portanto, mais aptos a fixar uma crença suficientemente robusta para influenciar a opinião pública. Nesse caso, além de ser plausível, o argumento precisa ser repetido à exaustão em conexões digitais (método tenacidade) e compartilhado por pessoas de confiança em certos grupos (método autoridade).

Em plataformas digitais, a crença na desinformação é fixada na forma de opinião pública por: a) repetição social de teses cientificamente frágeis (tenacidade); b) confiabilidade na autoria da postagem ou do compartilhamento da informação inconsistente (autoridade); c) plausibilidade lógica da informação inconsistente (*a priori*). Como o método científico é o mais sofisticado e o de menor alcance social, considera-se que as escolas possam ser ambientes favoráveis ao enfrentamento pragmático da desinformação. Procedeu-se, então, ao diagnóstico dos tipos de crenças que permeiam a crise epistêmica na visão de adolescentes de uma escola pública, com base nos métodos peircianos de fixação das crenças.

Procedimentos metodológicos

Segundo Yin (2014), o estudo de caso é uma investigação empírica, de natureza qualitativa, que pretende investigar um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real. Também de natureza qualitativa, o grupo focal é um método no qual o investigador analisa a opinião de um grupo de pessoas, com

pelo menos uma característica em comum, a respeito de um determinado tema. O principal objetivo é observar as opiniões criadas nas interações e os posicionamentos sobre as questões colocadas, a partir da condução do pesquisador (Martino, 2018).

O presente estudo de caso incluiu revisão de literatura e realização de três grupos focais com estudantes do ensino médio de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Botelhos, estado de Minas Gerais, no Brasil. Buscou-se aferir os hábitos de consumo midiático e informacional dos estudantes e suas implicações na percepção que têm sobre ciência, democracia e desinformação. Procedeu-se, então, ao diagnóstico das crenças que sustentam a percepção dos jovens acerca de política, democracia e ciência, pilares da crise epistêmica, com especial interesse na capacidade que demonstram para reconhecer aspectos delineadores da desinformação em conexões digitais.

Os três grupos focais foram realizados com estudantes do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio e teve carga horária total de 120 minutos. Foram ouvidos 72 estudantes, sem a presença de professores. São apenas três classes de ensino médio na escola, uma de cada ano. Por isso optou-se por realizar três grupos focais, um de cada ano. Todos os estudantes foram convidados a participar porque o grau de adesão à pesquisa era um indicativo relevante do interesse que o tema despertaria entre os discentes. Na visão de Pátaro & Calsa (2020), trata-se de um método pertinente para trabalhar com participantes que se conhecem e estão inseridos em um mesmo contexto ou ambiente social e partilham características em comum.

Cada grupo focal foi realizado em sala de aula com a prévia anuência dos professores. O grupo focal do primeiro ano contou com a participação de 28 estudantes e os grupos focais dos segundo e terceiro anos registraram 22 participantes cada. Para os propósitos desta investigação, o número de participantes em cada grupo foi adequado, tanto por permitir mensurar o interesse dos estudantes no tema da pesquisa, quanto por promover um olhar matizado sobre tensões, silêncios e consensos. De acordo com Pátaro & Calsa (2020), diferentemente de grupos focais com menor número de participantes, a opção de trabalhar com número maior de pessoas favorece a variedade de perspectivas e enriquece os dados coletados, uma vez que o número de interações tende a ser maior.

Primeiro, foram apresentados os objetivos da pesquisa e os procedimentos éticos. Depois, foram apresentadas aos estudantes as fotografias de alguns jornalistas, influenciadores digitais, divulgadores de ciência e políticos para estimular o debate entre os alunos acerca de temas caros à crise epistêmica.

Inicialmente, os estudantes mostraram-se cautelosos em expor suas ideias acerca de tais temas, um indicativo de que a crise epistêmica gera desconforto e inibe a manifestação pública de ideias conflitantes. O pesquisador, então, pediu aos alunos que definissem, em uma palavra, o que achavam de cada figura, o que estimulou o debate. As figuras públicas apresentadas aos estudantes foram:

1. Felipe Neto: uma das 100 personalidades mais influentes na internet, de acordo com a *Time*, em 2020. Felipe Neto é conhecido por ter mudado seu posicionamento político, passando de um viés crítico à esquerda para defensor dessas ideias.
2. William Bonner: jornalista/âncora do Jornal Nacional, da TV Globo, o telejornal mais popular no Brasil, conforme pesquisa publicada pelo Instituto Reuters, em 2023.¹
3. Alexandre de Moraes: ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil, responsável por inquéritos que apuram atos antidemocráticos.
4. Átila Iamarino: divulgador científico com quase quatro milhões de seguidores em plataformas digitais (abril de 2024). Iamarino ficou conhecido por refutar informações falsas sobre o coronavírus durante a pandemia de Covid-19.
5. Nikolas Ferreira: o jovem deputado federal foi o mais votado nas eleições de 2022, no Brasil. Com forte atuação na internet, ele é atualmente uma das principais figuras do conservadorismo brasileiro.
6. Nando Moura: youtuber com mais de 3,4 milhões de seguidores (abril de 2024), conhecido por se posicionar de maneira crítica tanto contra pautas conservadoras quanto progressistas, embora tenha se alinhado ao conservadorismo no início de sua carreira como influenciador.
7. Danilo Gentili: humorista e apresentador do programa televisivo *The Noite*, que contabiliza mais de 12 milhões e 100 mil inscritos em seu canal no YouTube (abril de 2024). Gentili é conhecido por fazer declarações alinhadas ao conservadorismo.
8. Lula: atual presidente do Brasil e principal figura da esquerda brasileira.
9. Bolsonaro: ex-presidente da república e principal figura da direita brasileira.

Resultados e discussões

Observou-se que a escola ocupa relevante espaço na formação da cidadania, conforme percepção dos estudantes. Eles disseram acreditar que a escola é a principal alternativa para formar cidadãos mais críticos e capazes de lidar com questões relevantes na sociedade. Os estudantes destacaram a relevância da figura epistêmica do professor, visto por eles como confiáveis e conscientes, o que endossa o método de fixação de crenças por autoridade em relação à escola e ao professor. Logo, a escola e o (a) professor (a) despontam como essenciais no enfrentamento social à desinformação em contexto de crise epistêmica.

Os estudantes foram questionados quanto a possíveis estratégias para identificar conteúdos desinformativos. As respostas foram, em sua maioria,

1 Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2023/04/07/conheca-os-jornalistas-mais-populares-no-brasil-e-em-outros-5-paises/>

genéricas e imprecisas, mas os alunos destacaram a necessidade de conhecer as fontes das informações e buscar informações complementares em outros sites. Embora as estratégias mencionadas sejam pertinentes, os jovens não souberam precisar o que os levariam a desconfiar de uma informação para realizarem as estratégias citadas por eles próprios.

Nota-se que o fato de não saberem reconhecer indícios de desinformação dificulta a avaliação crítica acerca das informações que recebem. Consequentemente, tornam-se mais susceptíveis a conteúdos que coadunam crenças pré-existentes, independentemente de serem falsos ou verdadeiros. A tendência a endossar conteúdos que reforçam crenças semelhantes e de repelir conteúdos que contrariem tais crenças remete ao método peirciano da tenacidade. O compartilhamento de tais conteúdos por figuras públicas nas quais confiam (método peirciano da autoridade) é preponderante para gerar confiança na eventual desinformação, já que não dispõem de recursos próprios para aferir a confiabilidade dos conteúdos que recebem.

Conforme as respostas, despontam como autoridades políticas relevantes para os estudantes o ex-presidente Jair Bolsonaro e o deputado federal Nikolas Ferreira, ambos admirados por boa parte dos alunos. São exemplos desse posicionamento as seguintes afirmações feitas pelos estudantes durante a realização do grupo focal: “Bolsonaro foi o melhor presidente que o Brasil já teve. Ele tentou lutar contra um sistema que explora as pessoas do Brasil há muito tempo”; “Gosto do Nikolas. Ele fala bem e é muito inteligente. Às vezes sinto que ele consegue expressar pensamentos que tenho, mas que não consigo expor.”

As figuras públicas de Lula, Felipe Neto, Wiliam Bonner e Alexandre de Moraes foram unanimemente criticadas pelos participantes dos três grupos focais. O influencer Felipe Neto, por exemplo, foi taxado de “oportunista” e “desnecessário”. Na visão dos estudantes, Felipe Neto se aproveita de assuntos delicados no cenário social e político brasileiro para angariar seguidores, com a finalidade de monetizar em plataformas digitais. Já o presidente Luís Inácio Lula da Silva foi criticado devido ao histórico de notícias sobre a corrupção de seu governo e de seu partido político, o PT. O ministro do Superior Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, foi considerado “autoritário” em suas decisões no STF por boa parte dos estudantes. O jornalista William Bonner também foi criticado pelos alunos nos três grupos focais. Para muitos, Bonner é “mentiroso” e a TV Globo não é confiável.

Questionados quanto à confiança que depositam em veículos de comunicação no Brasil, os estudantes disseram que a confiança varia conforme o veículo/emissora. Não souberam, porém, citar um veículo no qual confiam, mas foram unânimes em afirmar que não acreditam em informações transmitidas pela Rede Globo. Eles disseram considerar a Rede Globo “parcial” em seu trabalho jornalístico, tendendo a pautas mais progressistas.

As críticas recorrentes a jornalistas e políticos devido ao que consideram alinhamento ideológico a pautas da esquerda, demonstram como a dimensão

ideológica, sobretudo a polarização política, acirra a crise epistêmica e fornece enquadramento cognitivo para a apreensão da realidade. A dimensão ideológica delinea hábitos de ação, ou de interpretação, que favorecem certas crenças em detrimento de outras, configurando certa disposição para validar como críveis informações que coadunam crenças similares. A pluralidade de ideias, condição necessária à democracia, não é valorizada em contexto de polarização política, o que agrava a crise epistêmica.

Os estudantes disseram acreditar que figuras públicas exercem grande influência na formação da opinião pública. Criticaram, por exemplo, o comportamento ideológico do apresentador Danilo Gentili durante as entrevistas que conduz em seu programa televisivo. Os estudantes foram categóricos em afirmar que consideram inadequado um jornalista – em que pese Gentili não seja jornalista de formação – utilizar o espaço público do programa televisivo para se manifestar politicamente, mas enfatizaram que podem fazê-lo em seus perfis pessoais. A preocupação de natureza ética, relativa ao uso público e pessoal de ambientes midiáticos, demonstra compreensão da influência de figuras públicas (método da autoridade) na formação da opinião pública.

Entre as figuras públicas apresentadas, o youtuber Nando Moura e o divulgador científico Átila Iamarino foram os menos conhecidos nos três grupos focais. Chama a atenção o relativo anonimato de Átila Iamarino para este grupo, o que demonstra a relativa invisibilidade do argumento científico como componente de fixação de crenças para este público. A desvalorização do método científico é componente crucial no acirramento da crise epistêmica.

As plataformas TikTok e Instagram foram apontadas pelos estudantes como as mais usadas por eles cotidianamente. Uma das justificativas para essa preferência, conforme as respostas, é a simplicidade dos conteúdos postados nessas plataformas, o que facilita a compreensão das mensagens. Os estudantes disseram, ainda, utilizar essas plataformas majoritariamente para entretenimento, sendo o consumo de informações noticiosas uma consequência da recomendação algorítmica de assuntos que são mais debatidos no momento.

Nota-se ainda que os estudantes demonstram conhecer as especificidades de linguagem das plataformas, já que fazem uso constante desses ambientes midiáticos em suas atividades cotidianas e até usos mais sofisticados das ferramentas de linguagem disponíveis, como demonstra uma das respostas: “Trabalhei por um tempo em uma loja de roupas. Eu fazia a publicidade da loja, gravando *stories* e produzindo conteúdo para as redes sociais, gravando, editando vídeos e pensando em roteiros. Gostei muito e aprendi a fazer tudo praticamente sozinha (o)”.

Por outro lado, os estudantes não manifestaram desconforto em relação à lógica dos algoritmos ou à governança das plataformas, componentes essenciais à propagação da desinformação em conexões digitais. Destaca-se a potência de videogames como estratégia de aprendizagem informal, como demonstram as seguintes respostas: “Não sou fluente em inglês, mas aprendi muito da

língua a partir de jogos de videogame.”; “Teve um jogo que me marcou muito, o *Red Dead Redemption*². Aprendi muitas coisas relacionadas à ética e moral. Principalmente quando está em jogo interesses pessoais e interesses coletivos.”

O diagnóstico revela que, para esse grupo, a crise epistêmica se manifesta no descrédito a instituições que os estudantes reconhecem como jornalísticas e jurídicas. Quando questionados a respeito da confiança que depositam no sistema eleitoral brasileiro (realizado por meio de urnas eletrônicas), os estudantes afirmaram acreditar em possível fraude eleitoral, argumentando que o resultado de uma eleição pode ser alterado por interesses políticos.

Com base no método *a priori*, pode-se deduzir que, para esses alunos, é logicamente plausível que as eleições de 2022 no Brasil tenham sido fraudadas. Esse entendimento pode ter sido impulsionado pela confiança que demonstram em figuras públicas (autoridades) que propagaram essa opinião em conexões digitais. Logo, os estudantes tendem a validar informações, verdadeiras ou falsas, que corroboram esse posicionamento por repetição, ou por compartilhamento nas conexões digitais (tenacidade). A polarização política, portanto, tende a favorecer o incremento de crenças mais rudimentares, como tenacidade e autoridade, o que favorece a propagação de desinformação em rede por adesão ideológica e acrítica. Daí a necessidade de se investir em ações de literacia midiática e informacional nas escolas para ampliação do alcance social do método científico, único método sensível a evidências em contrário, como contraponto à crise epistêmica e à desinformação.

Potter (2019) define literacia midiática como o conjunto de práticas pedagógicas voltadas a tornar mais consciente e crítico o uso social dos meios de comunicação, ampliando a capacidade social de interpretação dos significados das mensagens. Para Livingstone (2002), o objetivo da literacia midiática, em última instância, é elevar o conhecimento das pessoas a respeito das variadas formas de informações midiáticas.

Em uma perspectiva semelhante a Potter (2019) e Livingstone (2002), Buckingham (2007) destaca que literacia midiática é a habilidade em acessar, entender e criar comunicação em diversos tipos de contextos. O autor prioriza uma análise crítica da mídia e das mensagens midiáticas, destacando a necessidade de ampliar o conhecimento social acerca do processo de produção das informações e os padrões de controle das mídias, com implicações nas noções de veracidade e confiabilidade nelas.

No contexto investigado, cujos hábitos de consumo midiático priorizam as plataformas Tik Tok e Instagram, com interesse destacado em entretenimento e *games*, considera-se que a literacia transmídia possa ser mais eficiente. De acordo com Scolari (2018), literacia transmídia se refere a um conjunto de capacidades, práticas, valores e estratégias de aprendizagem desenvolvidas e

2 Trata-se de um jogo eletrônico que narra a história de Arthur Morgan, ambientalizada no velho oeste norte-americano, no final do Século XIX. Na ocasião, xerifes caçam as últimas gangues fora da lei e Morgan e seu grupo precisam fugir para continuarem vivos e em liberdade.

aplicadas no contexto das novas culturas colaborativas, especialmente, entre os jovens. Segundo o autor, as habilidades voltadas a esse tipo de literacia são caracterizadas pela produção, compartilhamento e consumo das mídias digitais interativas, que vão desde processos de resolução de problemas em videogames, até à produção e compartilhamento de conteúdos em plataformas digitais.

A literacia transmídia tem como principal foco o que os jovens fazem com as mídias, considerando-os sujeitos capazes de gerar e compartilhar conteúdos midiáticos de diferentes tipos e níveis de complexidade (Scolari, 2018). O autor enfatiza que a literacia transmídia se volta prioritariamente para atividades midiáticas que são desempenhadas pelos jovens fora das instituições educativas, buscando capacitá-los para realizá-las de modo mais crítico, responsável e criativo.

Tárcia, Alzamora, Cunha e Gambarato (2023) utilizam a denominação educomunicação transmídia para abordar aspectos da literacia transmídia voltados para o aprimoramento da atividade social em redes on-line/off-line. Essa perspectiva é sensível à formação de redes globais centradas em experiências locais, culturais e sociais como forma de aprimorar conhecimentos de modo simétrico. Consequentemente, cria condições para que as percepções dos jovens detectados com os grupos focais sejam confrontadas com as opiniões de outros jovens no país, estimulando o necessário debate de ideias para o enfrentamento da crise epistêmica e de seu componente mais complexo, a desinformação.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo aferir como as práticas midiáticas de adolescentes interferem em suas percepções acerca de política, democracia e ciência, com especial interesse na capacidade que eles demonstram para identificar desinformação nesse contexto. Para isso, desenvolveu-se estudo de caso com estudantes de uma escola pública brasileira do ensino médio. Foram realizados três grupos focais, em 2024, com jovens de 15 a 18 anos matriculados em uma escola pública da rede estadual, localizada na cidade de Botelhos, estado de Minas Gerais, no Brasil.

Cada um dos três grupos focais foi realizado com estudantes do primeiro ao terceiro ano do ensino médio teve carga horária de 120 minutos. No total, foram ouvidos 72 estudantes, sem a presença de professores para deixar os alunos mais confortáveis ao expor determinadas opiniões. Primeiro, foram apresentados os objetivos da pesquisa e os procedimentos éticos. Depois, foi apresentado aos estudantes as fotografias de alguns jornalistas, influenciadores digitais e políticos para estimular o debate entre os estudantes acerca de temas caros à crise epistêmica.

Procedeu-se, então, ao diagnóstico das crenças que sustentam a percepção dos jovens acerca de política, democracia e ciência, pilares da crise epistêmica,

com especial interesse na capacidade que demonstram para reconhecer aspectos delineadores da desinformação em conexões digitais. Observou-se predominância dos métodos peircianos de fixação da crença tenacidade e autoridade, além da presença relativa do método *a priori*, enquanto o método científico se mostrou ausente, inclusive pelo relativo desconhecimento de influenciadores digitais na área de divulgação científica.

O diagnóstico revela ainda que, para esse grupo, a crise epistêmica se manifesta no descrédito a instituições que os estudantes reconhecem como jornalísticas e jurídicas ou a conteúdos que, em suas visões, se alinham a correntes ideológicas diferentes das suas. Os estudantes não souberam apontar indícios de desinformação, o que os coloca como grupo susceptível a ser afetado pela desinformação, também utilizada para impulsionar a crise epistêmica. Por outro lado, aponta que os estudantes demonstram conhecer bem as especificidades de linguagem das plataformas que mais utilizam e que o uso prioritário é para o entretenimento, com destaque para os *games* interativos.

Para o enfrentamento da crise epistêmica detectada no diagnóstico, que tem no desconhecimento de aspectos delineadores da desinformação um de seus componentes mais complexos, sugere-se o incremento de ações de literacia midiática e informacional em escolas, com foco em desinformação e democracia. Especificamente, sugere-se o incremento de ações de literacia transmídia, ou educomunicação transmídia, voltada para aprimorar ações e condutas em conexões digitais e em redes on-line/off-line, aproveitando o conhecimento que os estudantes já têm em plataformas e o interesse manifesto em entretenimento e *games*.

Referências

- Aggio, C. (2021). Teorias conspiratórias, verdade e democracia. Em Alzamora, G., Mendes, C. & Ribeiro, D. M. *Sociedade da desinformação e infodemia*. Belo Horizonte: FAIFCH Selo PPGCOM UFMG.
- Allcott, H., Gentzkow, M. (2017) Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31 (2), 211-236.
- Alvim, F. F., Zilio, R. L. & Carvalho, V. O. (2023). Desinformação: o que é, o que não é e quando. *Revista do TER-RS*, 52.
- Alzamora, G. C., & Andrade, L. (2019). A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. *MATRIZES*, 13(1), 109-131.
- Alzamora, G. C., Mendes, C. M., & Ribeiro, D. M. (2021). *Sociedade da desinformação e infodemia*. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG.
- Araújo, C. A. (2021). Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. *The International Review of Information Ethics*, 30(1).
- Buckingham, D. (2007). Defining Digital Literacy. What Do Young People Need to Know about Digital Media? *Digital Komptanse*, 4(1), 263-276.
- D'ancona, M. (2018). *Pós-verdade* [tradução Carlos Szlak]. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial.

- Gomes, W. S. (2019). Fake news, crise epistêmica e epistemologia. *Revista Cult*.
- Gomes, W. S. & Dourado, T. (2019). Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2).
- Livingstone, S. (2002). *Young people and new media*, London: Sage.
- Marshall, J. P. (2017). Desinformation Societiy, Communication and Cosmopolitan Democracy. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*, 9(2), 1-21.
- Martino, L. M. S. (2018). *Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mello, P. C. (2020). *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Naeem, S. B., Bhatti & R., Khan, A. (2021). An exploration of how fake news is taking over social media and putting public health at risk. *Health Information and Libraries Journal*, 2 (8) 143-149.
- Oliveira, T. M. de. (2020). Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias digitais. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 22(1), 21-35.
- Paes, F. A. O. De. (2022). *Desinformação científica no Twitter: fixação de crenças em torno da cloroquina durante a pandemia da covid-19*. Dissertação (Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- Pátaro, R. F & Calsa, G. C. (2020). Reflexões sobre a pesquisa com grupos focais nas ciências sociais e humanas: a questão da quantidade de participantes, proveniência e local de organização. *Ciências Sociais Unisinos*, 56(1).
- Peirce, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- Recuero, R. & Gruzd, A. (2019). Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, 41, 31-47.
- Ribeiro, D. & Paes, F. (2021). Verdade e crença sob a perspectiva do pragmatismo: contribuições para o debate sobre a desinformação científica. Em Alzamora, G., Mendes, C. & Ribeiro, D. M. *Sociedade da desinformação e infodemia*. Belo Horizonte: FAIFCH Selo PPGCOM UFMG
- Rosa, R. M. (2021). *Desinformação e pandemia*. Porto, Portugal: Mediaxxi..
- Scolari, C. A. (2018). *Literacia Transmedia na Nova Ecologia Mediática*. Livro Branco do Projeto Transmedia Literacy.
- Tárcea, L., Alzamora, G. C., Cunha, L. & Gambarato, R. R. (2023). Transmedia educommunication method for social Sustainability in low-income communities. *Frontiers*, 8.
- Yin, R. K. (2014). *Estudo de Caso, planejamento e métodos*. 5.ed. São Paulo: Bookman, 2014.
- Wardle, C. & Derakhshan, H. (2017). *Information Disorder: Toward and interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe Report.